

ENTRE LEITORES, LEDORES E OUVINTES: OS CONTOS DE FADAS EM TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO NA LEITURA

PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JUNIOR¹;
VANIA GRIM THIES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – juuniorferreira@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é compartilhar os primeiros resultados de uma pesquisa de mestrado acadêmico em Educação, realizada no âmbito do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFPEL. Ela versa sobre o tema “contos de fadas” ao questionar um grupo de leitores sobre o que eles têm a dizer acerca dos seus conhecimentos e experiências com essas histórias.

Os contos de fadas são narrativas seculares, originárias de fontes orais, que desde meados do século XVIII vêm se perpetuando pela cultura escrita, aparecendo em trabalhos literários como *Os Contos de Mamãe Gansa*, de Charles Perrault (ZIPES, 2006). Foi aproximadamente nesta época que ganharam status de leitura dirigida à infância. Entretanto, atualmente, o público infantil vem deixando de ser o único nicho interessado nessas histórias e é crescente a lista de publicações direcionadas a jovens e adultos em que os contos de fadas são revisitados.

Para esta investigação, então, reuniu-se um grupo de sete (7) jovens interessados em discutir o tema. Mais especificamente a esta comunicação concernem as respostas deles que apontem para como os contos de fadas apresentaram-se pela primeira vez em suas trajetórias de formação na leitura.

2. METODOLOGIA

Se, para entender as relações históricas entre o homem e sua interação com os textos escritos, “o caminho mais imediato que se oferece é o da confiança dos leitores a respeito de seus modos de ler, dos sentidos que descobrem nos textos” (CHARTIER et al., 2011, p. 12), para compreender a circulação e a permanência dos contos de fadas entre os jovens leitores foram selecionados, a partir de um chamado em uma rede social, sete sujeitos entre treze (13) e dezessete (17) anos de idade para participar de um grupo de discussão. Eles aparecem identificados neste trabalho de J1 a J7.

Metodologicamente, o grupo de discussão é uma aproximação do pesquisador com os pressupostos do Grupo Focal, a partir de GATTI (2012), definido como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (POWELL & SINGLE apud GATTI, 2012, p. 7). Foram realizados, então, oito encontros registrados em áudio e posteriormente transcritos, em que o pesquisador usou de perguntas orais e dinâmicas com materiais de leitura para coletar informações. O *corpus* da pesquisa, portanto, é composto por um arquivo de texto, e oito arquivos de áudio, dos quais foram retiradas as informações sistematizadas na seção a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Eu nunca ouvi histórias de fadas” (J1), ela disse. *“Eu também não” (J2)*, o outro concordou. E de fato, a narração de histórias oralmente apareceu em apenas duas das declarações do grupo: *“Lembro que meu pai contava pra mim O Gato de Botas, porque eu adorava essa história, então ele contava sempre enquanto tocava violão também” (J3)*. COLOMER (2017) diz que a narração dos contos populares e de fadas é uma forma de ingressar a criança no mundo dos jogos da linguagem, que “os meninos e meninas que ouvem estas histórias podem entender a forma de representar-se culturalmente a experiência e com este conhecimento iniciam sua compreensão dos temas literários presentes na cultura” (COLOMER, 2017, p. 23) uma vez que a literatura de tradição oral estabelece uma relação intertextual com a literatura como um todo. Assim, se as crianças conhecem os contos populares¹, “se familiarizam com todos esses elementos e podem reconhecê-los ao longo de suas leituras de outras obras, tanto da tradição oral como das reutilizações incessantes da literatura escrita ou da ficção audiovisual atual” (COLOMER, 2017, p. 23).

“Já os meus contos de fadas eram lidos”, contou mais um, *“no começo meus pais que liam, depois eu fui aprendendo a ler e lia sozinho” (J4)*. Estabelece-se, assim, uma diferenciação: ler em voz alta para alguém é diferente de contar oralmente uma história. BETTELHEIM (2014, p. 215) contrapõe-se à fruição dos contos de fada preeminentemente pela leitura: “um conto de fadas deveria ser narrado em vez de lido”, ele defende. E justifica explicando que o conto de fadas, de modo diferente das histórias inventadas mais recentemente, é resultado de uma narrativa que foi moldada e remoldada ao ser narrada inúmeras vezes de adultos para crianças nas mais diversas situações ao longo do tempo: “Cada narrador, ao contar uma história, eliminava e acrescentava elementos para torna-la mais significativa para si próprio e para os ouvintes, que conhecia bem.” (BETTELHEIM, 2014, p. 215).

“Meus pais, eles inventavam histórias. Eles pegavam personagens que eu já conhecia [dos contos de fadas], misturavam todos e criavam uma história nova pra mim. Geralmente, se eu tinha algum problema, as histórias eram sobre isso, pra me ajudar a resolver. Depois eu que contava uma história pra eles.” (J5). Tal declaração ilustra não apenas a questão da liberdade criativa da qual se dispõe ao narrar oralmente uma história, utilizando-a como instrumento para a resolução de problemas e explorando essa capacidade tão característica da fabulação que aponta para a função primordial da prática, quando os contos eram usados para a elaboração de questões de um grupo.

“Meu pai diz que todas as noites era Chapeuzinho Vermelho que eu pedia pra ele contar, ele disse que decorou pontos e vírgulas do livro, porque ele, todo dia, de noite, lia pra mim.” (J6). Sobre isso, BETTELHEIM (2014) nos oferece uma explicação puramente psicanalítica; ele diz: “Só ouvindo repetidamente um conto de fadas e tendo-lhe sido amplamente dado tempo e oportunidade para se demorar nele é que uma criança é capaz de aproveitar na íntegra o que a história tem a lhe oferecer no que diz respeito à compreensão de si própria” (BETTELHEIM, 2014, p. 85). Ele afirma, ainda, que a repetição tem sido parte central no caráter longitudinal dos contos de fadas, desde o princípio. Foi a partir da repetição que os contos se espalharam e atingiram as suas formas clássicas,

¹ Colomer (2017) usa, constantemente, o termo “contos populares” para abarcar nisto não apenas os contos de fadas, mas também outros gêneros como a fábula, a lenda, o mito, e etc.

que continuam sofrendo mutações através de novas repetições. Assim, como disse BENJAMIN (1993):

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. [...] Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo (BENJAMIN, 1993, p. 205).

O ouvinte de contos de fadas é o potencial narrador deles no futuro. Mas nem todos tiveram narradores na infância. O próprio Benjamin aponta para a morte da figura do narrador oral e, de fato, o que predominou no grupo foi a figura do leitor². PETIT (2000, p. 40) ajuda a compreender o uso do termo leitor quando explica que “existe uma diferença entre o contar e ler (o livro garante a repetição da história, a estabilidade)”. Enquanto o contador de histórias, o narrador, faz uso da narrativa com força e liberdade criativas, o leitor segue “pontos e vírgulas do livro” fielmente, sem se apropriar da história que está contando. Como explica SOARES (2016):

Com esta definição, compreende-se que a pessoa que lê um texto para outras pessoas em voz alta, não é apenas “leitora”, mas também “leitora” nesse momento de compartilhamento da narrativa com aqueles que a escutam. Tampouco seria adequado afirmar-se que ela é uma “contadora” de histórias, pois estaria contando uma narrativa, inédita ou não, sem a necessidade de ter o livro como suporte em mãos. (SOARES, 2016, p. 52).

Além de serem introduzidos por intermédio de narradores e leitores, os contos de fadas também surgem nas declarações do grupo como inseridos pelas primeiras leituras da infância. *“Ah, os livrinhos... ninguém me contava histórias, mas eu tinha uns livrinhos daqueles pra ler. Tinha mais figuras que palavras, mas igual eu tinha preguiça de ler.” (J7)*. A segunda parte desta declaração aponta para a questão do reconto na literatura infantojuvenil, prática que perpassa grande parte dos textos direcionados ao público em questão. Recontar é contar de novo, enxugando a linguagem e muitos dos acontecimentos do texto-base, mantendo apenas o eixo central da história, aquilo de mais importante, quase como fazer um resumo. Existe uma variedade de coleções a preços populares que suportam versões simplificadas dos textos clássicos de Perrault, Grimm e Andersen, cujo acesso a traduções cuidadosas é limitado não apenas pela pouca oferta como pelos preços não tão acessíveis destas ofertas. Para além do caso dos contos de fadas, HUNT (2010, p. 44), também completa que o reconto de mitos e lendas, outros gêneros dos contos populares que acabaram destinados, quase totalmente, à infância, é pouquíssimo encontrado fora deste universo da literatura.

Com base nos excertos selecionados do *corpus* de pesquisa para debater o tópico em questão até aqui, é possível resumir os dados manejados no seguinte gráfico, que ilustra quantos do universo de participantes do grupo dizem ter conhecido os contos de fadas através de narradores, de leitores ou apenas quando enquanto leitores.

² A concepção de “leitor” vem sendo discutida e defendida pelo grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – HISALES, e aparece pormenorizada na dissertação de SOARES (2016).

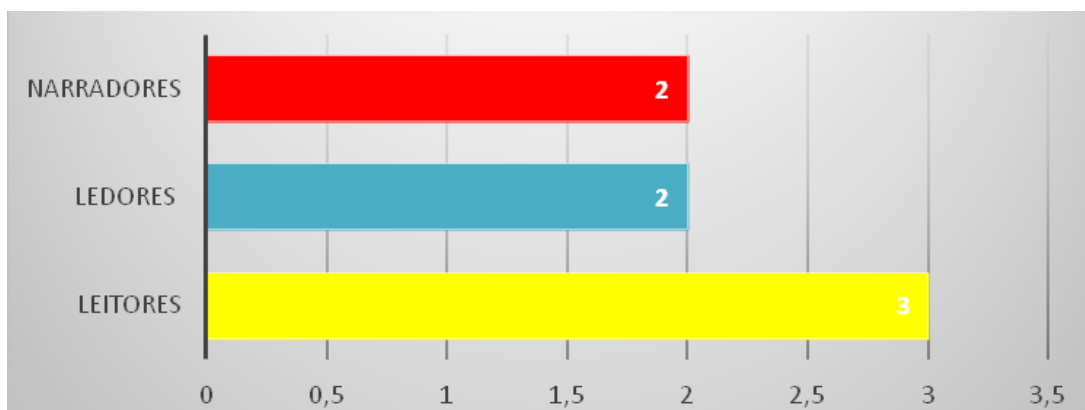


Figura 1: Gráfico representativo de como (ou através de quem) os participantes conheceram os contos de fadas.

Fonte: produzido pelo autor.

4. CONCLUSÕES

Ainda que o número de participantes que relataram ter seus primeiros encontros com os contos de fadas através da leitura destes textos literários demonstre-se mais expressivo individualmente, se somados, os participantes que tiveram figuras de leitores e narradores de contos de fadas na infância compreendem a maioria do grupo. Portanto, é possível dizer que, em sua maioria, o grupo conheceu os contos de fadas enquanto ouvintes dessas histórias, antes mesmo de aprender a ler. A figura de familiares surge como mediadora principal desse processo, os dados indicam que foi sempre um pai ou uma mãe que contou ou leu a “historinha” de algum “livrinho” de um acervo pessoal. Sobre esses materiais de leitura, foi possível inferir também que se trataram de livros com versões adaptadas dos textos canônicos dos contos de fadas, visto que estes tem um trabalho artístico mais pautado na palavra e materializam-se em textos de maior extensão, enquanto os relatos do grupo evidenciam a presença de ilustrações em detrimento dos textos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Brasília: Editora Brasiliense, 1993.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- CHARTIER, R. et al. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- COLOMER, T. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.
- GATTI, B.A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.
- HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- SOARES, L. G. **Práticas de leitura literária em uma escola no campo no município de Canguçu/RS**. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, 2016.
- ZIPES, J. **Why Fairy Tales Stick: The Evolution and Relevance of a Genre**. New York: Routledge, 2006.